

# A INFLUÊNCIA DA COLUNA PRESTES NA VIDA SOCIAL E POLÍTICA DE CAETITÉ-BA (1926)

*João Batista Vicente do Nascimento*  
*Professor do Curso de História UNEB-Campus VI*  
*Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social-F. Visconde de Cairu*  
*Grupo de Pesquisa História e Formação do Pensamento Político na Época Moderna*  
*E-mail: jbvicente@bol.com.br*

*Jussara Santos Oliveira*  
*Graduando do curso de História –UNEB-Campus VI.*  
*E-mail: jussara\_cte@hotmail.com*

## **Resumo**

O presente artigo discute a influência da Coluna Prestes na vida social e política de Caetité-Ba. No ano de 1926, a passagem da Coluna Prestes, estava representando para os sertanejos um episódio marcante na memória social daquela população. Nessa conjuntura, estava em ação o Coronel Dr. Deocleciano Pires Teixeira e seu filho Mário Teixeira, que foram responsáveis por articular uma estratégia de defesa da cidade. Portanto, aborda a posição caetiteense no cenário regional, assim como sua conjuntura política na República Velha. Nesse sentido, utiliza fontes primárias como o jornal A PENNA, órgão posicionado a favor das oligarquias bem como entrevistas orais que permitem evidenciar como a passagem da Coluna está presente na memória social de Caetité, além de fontes bibliográficas que respaldam o estudo em questão.

**Palavras-chave:** Coluna Prestes. Política. Sociedade e Memória.

## **1. Contextualização Histórica e Regional**

Situada no Sudoeste da Bahia, cerca de 757 km da capital Salvador, a região de Caetité constituía no início do século XX, um importante centro urbano que embora pequeno para os padrões atuais, era referência cultural e educacional para o Alto Sertão da Bahia<sup>1</sup>.

No ano de 1926, Caetité vivia dias de glória com a reinauguração da Escola Normal<sup>2</sup>, acontecimento que coincidia com a passagem da Coluna Prestes pela região. Estava iniciando para os sertanejos, um episódio que ficaria para sempre marcado na memória social daquela população, “o tempo da revolta”. O poder local constituído pelo coronelismo, constantemente se envolvia em disputas políticas. Nessa conjuntura, estava em ação o Coronel Dr. Deocleciano Pires Teixeira e seu filho Mário Teixeira, que foram responsáveis por articular uma estratégia de defesa da cidade no prédio do Observatório Meteorológico<sup>3</sup>, uma vez que este se localizava na parte alta da cidade o que favorecia uma visão e um posicionamento

favorável. Para Drummond, “Foi o poder local dos “coronéis” governistas nordestinos que gerou as forças repressivas mais eficientes no combate a Coluna”<sup>4</sup>.

A passagem da Coluna causou muitos problemas para aquela população, pois muitos tiveram que abandonar suas casas, ficando em estado de choque diante daqueles estranhos acontecimentos. Nesse sentido, uma matéria do jornal A PENNA informa que:

A passagem delles já foi uma calamidade e, como não bastasse ella, as requisições dos legalistas, dos quaes alguns chegaram a exceder-se, causaram uma pessima impressão no espirito do nosso povo não acostumado nem afeito a tão estranhos acontecimentos.<sup>5</sup>

Na tentativa de combater a Coluna, vinham as forças legalistas, que na intenção de obter informações sobre o grupo rebelado, praticavam todo tipo de repressão à população sertaneja. Nesse momento, a população já não identificava de onde vinha a maior violência, se dos rebeldes da Coluna ou das tropas legalistas. Além disso, todo tipo de banditismo que aparecia na região era relacionado aos “revoltosos”. De acordo com Drummond:

Em todo o nordeste, (...) o povo temia a aproximação dos rebeldes, pois deles esperavam saques, assassinatos e atrocidades. Lideranças locais e chefes de forças legalistas espalhavam informações negativas sobre os rebeldes; ameaçavam e praticavam represálias contra pessoas suspeitas de terem cedido, mesmo à força, bens úteis à Coluna Prestes.<sup>6</sup>

A Coluna deslocou-se pelo Brasil durante dois anos, passando por doze estados brasileiros e sendo constantemente perseguida por forças do governo que pretendia combater o grupo rebelado. Geralmente nos estudos sobre a Coluna Prestes, é perceptível que sua passagem pelo Nordeste despertou apoio da população civil, mas, sobretudo medo e hostilidade. Sobre essa questão Drummond afirma que:

A pouca receptividade ou até a franca hostilidade popular tinha, assim, várias causas interligadas: miséria generalizada das populações do interior, medo de represálias, a identidade imprecisa dos rebeldes e a lealdade às lideranças locais.<sup>7</sup>

A Coluna não surgiu por acaso, nem possuía um roteiro definido para sua marcha, teve grandes dificuldades na sua organização e abastecimento das tropas para a continuação da marcha. Percorreram vários quilômetros do território brasileiro, enfrentou adversidade, fugiu constantemente das tropas legalistas, enfrentou diversos riscos nas regiões que se aventuraram, às vezes recebendo o apoio local, outras sendo reprimidos pelas milícias destinadas a combater o grupo rebelado. Sobre a fase final da Coluna Drummond observa:

Encerrada a delicadíssima travessia da Bahia, em julho de 1926, e já secretamente decidida a emigrar, começou uma última fase nos objetivos da Coluna: fraca, doente, mal-armada, cansada, não lhe restava mais do que assumir a qualidade de “símbolo de resistência” da nação a Arthur Bernardes. Se ele tinha conseguido dobrar as oposições políticas, os parlamentares críticos, a imprensa de oposição e os demais militares inconformados, a Coluna se proclama atuante e invicta e seus oficiais tomaram e cumpriram a decisão de aguardar o fim do governo Bernardes (novembro de 1926) para executar a inevitável retirada do território brasileiro.<sup>8</sup>

A atuação de Luiz Carlos Prestes, sua capacidade de liderança e motivação frente aos problemas encontrados no decorrer do movimento, sua auto-reflexão sobre as diversas situações apresentadas pelas regiões que percorreu, possibilitou, após seu exílio na Argentina, onde passou a ter contato com a literatura marxista, a formação de um dos principais líderes da esquerda do nosso país.

No decorrer dessa longa marcha, a Coluna Prestes, divulgou seus ideais, conheceu os problemas e as necessidades de um Brasil que era pouco conhecido, tendo em vista sua amplitude territorial e as enormes diferenças sociais existentes.

. Segundo Chartier, historicamente a escrita teve “por missão conjurar contra a fatalidade da perda”<sup>9</sup>. No sentido de não deixar que informações significativas sobre a história regional se percam, recorremos a algumas edições do jornal A PENNA, editado na cidade de Caetité pelo cronista João Gumes. As matérias desse jornal permitem perceber aspectos da sociedade no início do século XX, e o posicionamento da população sertaneja desse município durante a passagem da Coluna Prestes. Algumas edições, abordam sobre o clima, as articulações políticas e o comportamento de diversos sujeitos sociais que vivenciaram esse importante episódio da nossa história.

O desenvolvimento desse estudo articula-se também com a História Oral, visto que, esta proporciona a reconstituição de histórias guardadas na memória dos sujeitos sociais. Nessa perspectiva, os depoimentos e entrevistas são analisados tendo em vista a inspiração em autores como, Alessandro Portelli, Ecléia Bossi, Jean-Jacques Becker, Etienne François, entre outros. Assim, as fontes orais utilizadas no desenvolvimento da pesquisa foram adquiridas e exploradas no intuito de esclarecer questionamentos propostos nesse estudo em particular.

## **2. A Coluna Prestes a Partir de Notícias Apresentadas Pelo Jornal A PENNA<sup>10</sup>**

Diante das dificuldades em combater a Coluna, o governo passou a recorrer à mídia jornalística para disseminar notícias negativas sobre esse movimento, no sentido de convencer

a população de que os integrantes da Coluna eram traidores da pátria, destruidores da ordem social, relacionando os participantes a tudo de mais desagradável que existia no período.

Em sua passagem pelo Alto Sertão da Bahia, o jornal A PENNA, editado por João Gumes, descrevia esse episódio da nossa história como:

Os factos estranhos, innominaveis e damnosos que se deram ultimamente neste Alto sertão, em suas terríveis circunstâncias e conseqüências (que) gravaram fundo nos annaes sertanejos um sulco que será impossível apagar da nossa memória.<sup>11</sup>

É importante salientar que o jornal A PENNA, **“ORGAM DOS INTERESSES COMMERCIAES, AGRICOLAS E CIVILISADORES DO ALTO SERTÃO”**, apresentava um perfil comprometido com as causas da República Velha, contrário a qualquer movimento de caráter reformista. Nessa perspectiva, as notícias divulgadas por esse jornal, procuravam “alertar” a população sertaneja, dos perigos que todos estavam correndo, relacionando a Coluna a tudo que havia de mais detestável na sociedade daquele período. Na opinião do cronista, os membros da Coluna Prestes:

Mataram muita gente, incendiaram innumeraz fazendas, as familias fugiram para o matto. Mesmo assim perseguiam. Quando nada encontravam para roubar rasgavam as roupas até de creanças, queimaram tudo, matavam o gado e levavam toda a tropa.<sup>12</sup>

O jornal A PENNA, procurou passar a ideia de que a luta contra a Coluna e o perigo que ela representava aos interesses daqueles que mantinham o controle da região, era uma luta de todos, pois afirmavam que o interesse do conjunto da sociedade estava ameaçado.

Quando se organizou a defesa á custa de sacrificios e grandes dispendios, aquelles que tomaram essa iniciativa não se interessaram sómente por este ou aquelle, com exclusão d’aquell’outro. Procuraram e conseguiram garantir a vida, a honra e as propriedades de todos em conjunto.<sup>13</sup>

Em outro momento, o cronista do jornal procura informar à população da única alternativa possível diante do avanço da Coluna, que em sua opinião seria a fuga, pois aquela era uma Coluna de morte, uma vez que, nem mesmo o exército conseguia barrá-la. Sobre a organização da defesa e proteção da cidade e da população ele diz:

Todos nós, sem distincção, soffremos em commum e, nas mesmas condições, procuramos nos premunir contra a recente ameaça porque passamos n’esta Cidade e que se effectivava em terriveis e assombrosos males que tantos prejuizos e desgraças causaram em outras localidades.<sup>14</sup>

Apesar da Coluna Prestes não ter adentrado no centro da cidade de Caetité, seu deslocamento pelas áreas vizinhas causou um grande alarme na população local, pois todos

temiam a invasão da cidade a qualquer momento, de forma que praticamente todas as pessoas da cidade e das regiões vizinhas do próprio município abandonaram suas casas e foram se esconder em outros locais.

Aqueles que possuíam melhores condições financeiras, geralmente fugiam para suas fazendas. Os carros-de-boi tornaram-se o meio de transporte utilizado pelas mulheres e crianças além de carregarem objetos necessários para a sobrevivência durante a fuga. Os homens dessas famílias acompanhavam as mulheres e crianças nos cavalos. Já as famílias mais pobres, costumavam se esconder em abrigos de palhas construídos nas matas do município. Alguns buscavam ajuda daquelas pessoas mais abastadas para se protegerem dos perigos, mas dificilmente conseguiam. Com isso, cada um se tornou responsável por sua própria proteção e daqueles membros familiares mais próximos, filhos e esposas.

### **3. A Coluna Prestes na Memória Social de Caetité**

Além dos editoriais publicados no jornal A PENNA, a passagem da Coluna Prestes ficou marcada na memória social das pessoas que testemunharam esse acontecimento. As lembranças de pessoas idosas é extremamente importante para a construção da memória social no município de Caetité, sobre a passagem da Coluna Prestes. No processo de construção da memória social sobre esse episódio, ocorre também uma redescoberta e uma valorização das pessoas idosas da comunidade. Nesse sentido Ecléia Bosi, afirma que:

No momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento, de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.<sup>15</sup>

Tratando de memória e explorando-a pelo uso da história oral, adotou-se para o desenvolvimento deste estudo as concepções de Alessandro Portelli:

A memória é um processo individual, que ocorre em meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados podemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas.<sup>16</sup>

As fontes orais são frutos das diversas memórias de uma pessoa, ainda que sofra a interferência do pesquisador. Nesse sentido, para Portelli (1996), “a história oral é uma ciência e arte do indivíduo”. Ainda que a memória esteja moldada de diversas formas pelo social acarretando versões semelhantes ou contraditórias sobre um mesmo fato, por ela ser individual, jamais as lembranças de duas pessoas são exatamente iguais. Nesse sentido, para

Portelli o termo “memória coletiva”, deve ser evitado. Ao falar sobre o conceito de História oral, Portelli afirma que:

[...] a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos [...].<sup>17</sup>

Eis porque, a memória é de fundamental importância para compreender a influência da Coluna Prestes na vida social de Caetité. A partir de depoimentos de sujeitos, podemos perceber como as lembranças desse acontecimento estão presentes na nossa sociedade. É perceptível uma visão conservadora sobre a Coluna Prestes nas lembranças da senhora Celvina<sup>18</sup>, 97 anos,

A revolta chegou, ela tava sentada assim na porta da sala, minha mãe Filomena. A revolta chegou tomou conta da casa, passou por riba das pernas dela, tomou conta da casa (...) quebrou duas portas do quarto que tava trancada, entrou foi caçar o que tinha dentro, tinha um jirau assim, que guardava os tachos de leite, eles entrou pegava esses tachos de leites, dois, trazia botava cá no meio da sala, disse para eles comer quaiada, (...) Aí agora os outros encostava e falava, nós não vai comer essa quaiada não, essa velha é feiticeira, cabou daí foi quebrá porta, remexeu o quarto, a gente não tinha nada, a gente era muito pobre, muito fraco, mais carregou dois cavalos que o finado Manezi tinha, que era meu pai, carregou dois arreoio, carregou laço, gibão, perneira, carregou tudo, barreu tudo! (CELVINA, 2011)

A passagem da Coluna Prestes pela região, em abril de 1926, ocorreu em uma época “chuvosa”, como aponta algumas edições do jornal A PENNA e a memória da população sertaneja. “(...) Água, água, ninguém podia andar, era só água, mais foi mesmo Deus que ajudou porque se não eles tinham botado fogo nas casas (...)” (Celvina, 2011)

E como a memória é um espaço de disputa em outro momento, Celvina faz a seguinte afirmativa sobre os membros da Coluna:

Eles eram ruim, mais eram bom também, na casa que eles chegassem e o povo não corresse, não acontecia nada, era o povo melhor do mundo. (...) era de respeito, se chegasse em uma casa e visse que o povo era pobre eles ajudavam muito. (CELVINA, 2011)

Em outro momento, a senhora Celvina explica porque considerava os “revoltosos” bons e ruins ao mesmo tempo. “Matava boi, porco, cabra e aquele povo mais pobre eles ensinava onde tava e mandava busca para comer, e o povo ia, pois era tudo pobre (...)”. Percebemos que apesar da suposta violência praticada pelos membros da Coluna, segundo Celvina eles também realizavam boas ações.

O senhor Ermelino Pereira<sup>19</sup> compartilha da visão sobre o comportamento da Coluna apresentada por Celvina: “Se não desatendessem eles era uns santo (...) eles só pegava coisa para comer e ia embora (...)” (Ermelino, 2011)

Em relação ao comportamento dos membros da Coluna, Anita Leocádia Prestes afirma que:

A Coluna não poderia se transformar num exército revolucionário, movido por um ideal libertário, se não incutisse em seus combatentes uma atitude de respeito e solidariedade em relação ao povo que mantinha contato. Desde o início, ainda no Rio Grande do Sul, o comando da Coluna deu grande importância ao tratamento que os seus soldados deviam dispensar à população civil das localidades por onde passavam. Qualquer arbitrariedade era punida com grande rigor.<sup>20</sup>

O senhor Ermelino Pereira, 95 anos, afirma que: “(...) Aqui mesmo<sup>21</sup>, não passou os revoltosos, aqui passou os legalistas, que era a tropa que vinha atrás para combater, eu era pequeno, mas lembro”. Sobre a Coluna, Ermelino diz que:

(...) Os revoltos, esses eram revoltados, prendia gente que desatendesse, teve um cara aí que matou dois revoltosos, atirou e matou, perto de Lagoa Real, uma mulher que desatendeu eles aí, eles amarrou e bateu nela, eles faziam o que queriam, mas se não desatendesse eles eram uns santos. (...) Aqui em Lagoa Real, foi mesmo os revoltosos. (ERMELINO, 2011)

Ermelino ainda diz que os membros da Coluna: “Andava desarmando os fazendeiros, nesse tempo os fazendeiros tinha armas muito boas. Eles chegava nas casas e as pessoas tinham que falar o nome dos fazendeiros que tinha armas”. (ERMELINO, 2011)

Segundo Ermelino até aquelas pessoas mais influentes de Caetité fugiram da cidade “os maior de Caetité escondeu com medo, (...) foram esconder todos naqueles morros aí atrás (...)” (ERMELINO, 2011)

Ainda em suas memórias sobre a passagem da Coluna Prestes pela região, Celvina nos mostra uma música que havia sido cantada pelos “revoltosos” na casa de uma de suas tias que tinha muitas filhas bonitas:

Se teu pai fosse rico,  
Tivesse negócio,  
Casava contigo,  
E o negócio era nosso!  
(CELVINA, 2011)

Além da música, existe um poema que ela afirma ser de autoria de Zé Parente<sup>22</sup>, que presenciou a passagem da Coluna Prestes pela região:

Na passada da revolta,  
Foi a tanto de abril,  
O povão se assombrou,  
De ver tiro de fuzil.  
(CELVINA, 2011)

É comum na memória social da população sertaneja que presenciou a passagem da Coluna Prestes, a lembrança de músicas sobre esse episódio. Nesse sentido, Ermelino também nos mostra uma música sobre a “revolta”:

A revolta do Brasil,  
Incomodou o mundo inteiro,  
Era homens e cavalo  
Armamento e dinheiro.  
(ERMELINO, 2011)

Ecléia Bosi analisando a memória como função social, diz que, “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugida”.<sup>23</sup>

Trabalhar com a reconstituição da memória, leva o pesquisador a perceber as multiplicidades da memória individual e da memória social. Dessa forma, no processo da construção da identidade individual, existe um embate entre as diversas memórias do sujeito e destas com as várias memórias do grupo e da sociedade no qual está inserido. É o que Portelli chama de memória dividida.

Portanto, as entrevistas e depoimentos apresentados no decorrer do texto até esse momento, nos faz refletir sobre a importância da metodologia da História Oral para o desenvolvimento de uma pesquisa histórica. A partir da análise das informações apresentadas, é possível perceber como as lembranças sobre a passagem da Coluna Prestes estão presentes na memória social de Caetité, ora aparecendo como um acontecimento agressivo e prejudicial à população sertaneja, outras vezes os membros da Coluna são vistos como “santos”, desde que não fossem “desatendidos”.

#### **4. Considerações Finais**

A pesquisa permite afirmar que, a passagem da Coluna Prestes pelo município de Caetité influenciou consideravelmente tanto sua vida social como política.

Foram desenvolvidas estratégias de defesa da cidade pelos representantes do poder local. Houve uma tentativa de deslocar a população para outras áreas, apesar de não ter



fornecido apoio necessário para esse deslocamento, ou condições para todos se esconderem, ficando sob responsabilidade de cada um cuidar da sua segurança.

O jornal A PENNA também desempenhou um papel significativo ao registrar esse acontecimento, o que nos permite ainda hoje perceber como os moradores se portaram diante daquela situação.

As lembranças das pessoas entrevistadas, também demonstram como a passagem da Coluna pela região marcou a vida de todos aqueles que presenciaram esse episódio da história caetiteense.

Além das matérias do jornal A PENNA, e das fontes orais apresentadas no decorrer do texto, algumas cartas escritas por pessoas que presenciaram a passagem da Coluna Prestes pela região estão sendo analisadas, uma vez que este trabalho não conclui todas as informações sobre o tema em estudo.

Entre as correspondências analisadas, estão algumas escritas por Celsina Teixeira Ladeia, que comenta a passagem da coluna na região: “Graças a Deus, já vai normalizando a vida no sertão, bastante perturbada com a passagem dos revoltosos”.<sup>24</sup>

Assim como as demais fontes analisadas até o momento e as correspondências pessoais encontradas, conclui-se que a presença da Coluna na região causou um grande impacto na população local.

---

<sup>1</sup>Infere-se que o alto sertão baiano era formado por toda a Serra Geral e franjas das microrregiões econômicas do Médio São Francisco, Chapada Diamantina, Sudoeste e Paraguaçu. (...) área de aproximadamente 180 mil km<sup>2</sup>, totalmente incluída no polígono das secas, apresentado alto risco de estiagem. (ESTRELA, Ely Souza. *Os Sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas/ FFCLC/USP; Fapesp; Educ, 2003, p.39).

<sup>2</sup>A primeira Escola Normal de Caeté foi fundada durante a gestão do governador Rodrigues Lima (1892 a 1996). Devido às divergências políticas entre o coronel Deocleciano Pires Teixeira e o governador eleito Severino Vieira, a referida escola encerrou suas atividades em 1904. (RIBEIRO, Marcos Profeta. *Mulheres e poder no alto sertão da Bahia: A escrita epistolar de Celsina Teixeira Ladeia (1901 a 1927)*. Dissertação/ Mestrado em História – PUC – SP, São Paulo, 2009, p. 42).

<sup>3</sup>O prédio onde funciona a estação meteorológica está situado no Bairro do Observatório. O terreno foi cedido pelo Município ao Governo da União, através de Decreto datado de 1907 e a sua construção autorizada pelo então ministro da Aviação, Dr. Miguel Calmon. A obra foi iniciada no final do ano de 1907, e concluída em julho de 1908 sob a fiscalização do Inspetor dos Telégrafos, Maximo Geschvind e do auxiliar Bernardo Ohisem, que foi também o primeiro encarregado da estação. Neste mesmo local, residiam os encarregados pelos serviços meteorológicos da cidade com suas famílias. (Rômulo Anísio, 1999, p. 68)

<sup>4</sup> DRUMMOND, José Augusto. *A Coluna Prestes: rebeldes errantes*. São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 71. (Coleção tudo é história; 103).

---

<sup>5</sup> A escrita apresentada nas transcrições do jornal A Penna está de acordo com a gramática o português utilizado no período. Gumes, João. A Penna. *Os Perigos Que Corremos: Medidas a tomar-se*. Caetité, 17 de junho de 1926. N°380.

<sup>6</sup> DRUMMOND, José augusto. *A Coluna Prestes: rebeldes errantes*. Op. cit., p. 66.

<sup>7</sup> DRUMMOND, José augusto. *A Coluna Prestes: rebeldes errantes*. Op. cit., p. 67.

<sup>8</sup> Id. Ibid.

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, v. 7, n. 13, 1994.

<sup>10</sup> Sobre este jornal, Santos (2001:29) informa que: “editado no município de Caetité, circulou entre os anos de 1897 a 1943. De publicação quinzenal, se dizia o ‘*orgam dos interesses commerciaes, agrícolas e civilizadores do Alto Sertão*’. Era impresso na *Typografia d’A Penna*, de propriedade de João Antônio dos Santos Gumes [1858-1930], jornalista romancista e dramaturgo, tendo exercido os cargos de escrivão, coletor estadual e federal, secretário e tesoureiro da Intendência Municipal. Atuou ao lado de diversos governos municipais e seus artigos expressam o pensamento da elite dominante da época”. SANTOS, Paulo Henrique Duque. *Cidade e memória: dimensões da vida urbana. Caetité, 1940 – 1960*. Rio de Janeiro, 2001. p. 203. Dissertação, (Mestrado em História Social), UNIRIO.

<sup>11</sup> Gumes, João. A Penna. *Os Perigos Que Corremos: Medidas a tomar-se*. Caetité, 17 de junho de 1926. N°380.

<sup>12</sup> Gumes, João. A Penna. *Pobre Sertão!* Caetité, 20 de Maio de 1926. N°376.

<sup>13</sup> Gumes, João. Op. cit.

<sup>14</sup> Gumes, João. A Penna. *Os Perigos Que Corremos: Medidas a tomar-se*. Caetité, 17 de junho de 1926. N°380.

<sup>15</sup> BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 4.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 64.

<sup>16</sup> PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos*. Narração. Interpretação dos Significados nas Memórias e nas Fontes Orais. Tempo, Rio de Janeiro, vol.1 n° 2, 1996.

<sup>17</sup> PORTELLI, Alessandro. *A Filosofia e os Fatos*. Narração. Interpretação dos Significados nas Memórias e nas Fontes Orais. Op. cit.

<sup>18</sup> A senhora Celvina Alves Moura, 97 anos, reside em Caetité e possui uma memória extremamente significativa sobre a passagem da Coluna Prestes pela região em 1926. Na transcrição foi mantida e preservada a originalidade do depoimento da mesma.

<sup>19</sup> Ermelino Pereira dos Santos, 95 anos é morador de Caetité, e suas memórias demonstram muitos detalhes sobre a passagem da Coluna Prestes pela região. Na transcrição foi mantida e preservada a originalidade do depoimento do mesmo.

<sup>20</sup> PRESTES, Anita Leocádia. *Uma epopéia brasileira: a Coluna Prestes*. São Paulo: Moderna, 1995, p. 44.

<sup>21</sup> Quando Ermelino diz “aqui mesmo” ele está se referindo ao centro da cidade, uma vez que segundo ele e (e também com base em outras fontes), os “revoltosos” não entraram na cidade, mas passaram pelas áreas vizinhas no próprio município de Caetité.

<sup>22</sup> Segundo Celvina, Zé Parente era seu amigo de infância e também presenciou a passagem da Coluna pela região.

<sup>23</sup> BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. 4.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 81.

<sup>24</sup> Correspondências pessoais, escrita por Celsina Teixeira Ladeia, abordando a passagem da Coluna na região. Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), Caixa: 1; Maço:1 (1905-1970).